

Prevalência da Automedicação em Acadêmicos de Enfermagem em uma Faculdade de Caxias do Sul

Fábio Gil Ferreira¹, Janaina Samantha Martins de Souza², Roberta Soldatelli Pagno Paim³

RESUMO

O objetivo deste estudo é verificar a utilização e a prevalência da automedicação entre acadêmicos de Enfermagem. Trata-se de uma pesquisa quantitativa exploratória. Participaram da pesquisa 45 alunos de uma Instituição de Ensino Superior em Caxias do Sul-RS. As informações foram coletadas por meio de questionário com perguntas fechadas, o qual foi submetido à análise de conteúdo. A coleta de dados teve início após a autorização da instituição cenário do estudo e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima. Verificou-se que 100% dos estudantes utilizam ou já utilizaram medicamentos sem prescrição médica. Ao se automedicarem, os acadêmicos baseiam-se em conhecimento próprio e nos profissionais que trabalham em farmácias. A cefaleia foi o sintoma mais comum para a prática da automedicação, com o paracetamol sendo o fármaco mais consumido. O índice de automedicação após o início da Graduação não atingiu a metade dos acadêmicos que utilizaram menos medicação sem prescrição médica, fazendo com que se perceba que o conhecimento não influenciou significativamente no resultado. Pela sobrecarga de trabalho, estresse, múltiplas tarefas, o consumo por conta própria torna-se uma atividade prática e cômoda. Os resultados encontrados reforçam a necessidade de conscientização dos acadêmicos de Enfermagem quanto ao uso racional de medicamentos, de forma que estes informem as pessoas de seu convívio quanto aos riscos da automedicação.

Palavras-chave: Automedicação. Estudantes de Enfermagem. Autocuidado.

PREVALENCE OF SELF-MEDICATION IN NURSING DEGREE STUDENTS AT A UNIVERSITY IN THE CITY OF CAXIAS DO SUL

ABSTRACT

The aim of this study is to verify the use and prevalence of self-medication among Nursing students. This is an exploratory quantitative research. Forty-five students from a Higher Education Institution located in the city of Caxias do Sul, state of Rio Grande do Sul, participated in the study. The information was collected through a questionnaire with closed questions that was submitted to content analysis. Data collection started after the authorization of the institution, scope of the study and the approval of the Ethics Committee for Research of the *Nossa Senhora de Fátima* Cultural and Scientific Association. It was verified that 100% of students take or have already taken medicines without doctor's prescription. Academic students rely on self-knowledge as well as on advice from professionals who work in pharmacies to self-administer medication. According to the research, headache was the most common symptom for the practice of self-medication and paracetamol the most consumed drug. The rate of self-medication had less than fifty percent reduction after the beginning of the graduation, therefore we perceived that knowledge on the subject did not significantly influence the results. Work overload, stress and the challenges of multi-tasking make the practice of drug self-administration easy and convenient. The results found reinforce the need of raising Nursing students' awareness about the rational use of medicines, so that they inform others about the risks of self-medication.

Keywords: Self-medication. Nursing students. Self-care.

Recebido em: 18/5/2017

Alterações requeridas em: 28/4/2019

Aceito em: 9/5/2019

¹ Graduação em Enfermagem pela Faculdade Nossa Senhora de Fátima, RS (2017). Especialização em Terapia Intensiva e Emergência Adulto pelo Hospital Moinhos de Vento – Porto Alegre (RS). roberta.soldatelli@terra.com.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Medicina e Ciências da Saúde pela PUC/RS. Mestrado em Saúde Coletiva (Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2007). Especialização em Administração dos Serviços de Saúde e de Enfermagem. Graduação em Enfermagem (Universidade Federal de Santa Catarina, 1998). Professora da Faculdade Fátima e Faculdade da Serra Gaúcha. janasamantha@hotmail.com

³ Graduação em Farmácia – Habilitação em Análises Clínicas e Toxicológicas (2005) e Mestrado em Biotecnologia (2009) pela Universidade de Caxias do Sul. Especialização em Prevenção e Controle de Infecções Relativas à Assistência à Saúde (2013). Docente da Faculdade Fátima e do Centro Universitário da Serra Gaúcha, em Caxias do Sul. roberta.soldatelli@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A automedicação consiste na iniciativa de um sujeito ou de seu responsável em usar um medicamento que poderá trazer benefícios no tratamento de doenças ou alívio imediato de seus sintomas. Essa prática, contudo, pode trazer consequências maléficas significativas para o indivíduo (PAIM; MULLER, 2015).

Em estágios e disciplinas, durante a vida acadêmica, informações são fornecidas ao profissional sobre patologias, manifestações clínicas e medicações utilizadas no tratamento. São instruções básicas para aplicar ao cuidado, mas que, se atribuído a si mesmo, sem o devido parecer de um indivíduo qualificado, pode ser compreendido como desleixo consigo mesmo. A automedicação proporciona a atenuação passageira dos sinais manifestados. O profissional de Enfermagem deve estar ciente de que, na condição de acometimento da sua saúde, tem a obrigação de procurar assistência qualificada (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Os profissionais de saúde têm a necessidade de receber instruções contínuas sobre medicamentos, devido a seu acesso facilitado aos fármacos, os quais têm sido causa motivadora para que a execução dessa atividade se torne um costume. O consumo de medicamentos tem progredido globalmente e as organizações fiscalizadoras não são eficientes no bloqueio desse hábito, que tem atributo de proliferação. Esse evento destaca que a automedicação ocorre na população em geral: colaboradores, donas de casa, acadêmicos da área médica, universitários e profissionais – com destaque para os profissionais de saúde, entre os quais esta ação é constante (PAREDES; MIASSO; TIRAPPELLI, 2008). Da mesma forma, enfermeiros estão mais suscetíveis à manifestação ou instalação de doenças físicas ou psíquicas em virtude da relação desgastante vinculada ao trabalho. Por outro lado, o meio ocupacional possibilita acesso aos medicamentos, o que favorece o uso sem indicação adequada (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

A motivação para a automedicação origina-se de prescrições antigas, familiares, farmacêuticos ou de funcionários da farmácia, vizinhos, ou, ainda, a mídia, que tem o poder de induzir consideravelmente os acadêmicos de outras áreas de Graduação. A instrução própria a respeito da patologia e do fármaco tem induzido substancialmente os graduandos da saúde. Essas respostas consideráveis podem orientar formas do consumo irracional de medicamentos, dependendo da população-alvo (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

O medicamento usado por conta própria transformou-se em um impasse de amplas dimensões, com múltiplos temas introduzidos nesse contexto, demonstrando a dificuldade para a fiscalização. A maneira de retroceder essa condição é a orientação dos acadêmicos por meio de campanhas instrutivas, destacando o perigo potencial de morte. As disciplinas mais indicadas para tal trabalho de conscientização seriam a Bioética e a Farmacologia do curso de Enfermagem. A automedicação é um meio amplamente disponível, mas os conhecimentos desenvolvidos durante a Graduação não capacitam para esta ação, sem indicação médica, que possui conhecimento técnico (SANTOS *et al.*, 2012).

O ato de consumir medicamentos por conta própria é capaz de promover alguns resultados não desejados, como hemorragias, alergias, intoxicações, resistência bacteriológica, interações medicamentosas, dependência, ineficiência dos órgãos, que são alguns dos inúmeros perigos a que estão sujeitos os que desempenham essa atividade. Deve ser ressaltado que é um risco individualizado e um problema para a saúde pública, favorecendo a consolidação das doenças e restrição da eficácia no tratamento prescrito pelo profissional de saúde no momento em que solicitar atendimento (GOMES, 2012).

Na gestão pública os medicamentos correspondem a amplos valores gastos pelo governo e torna-se relevante a necessidade de reavaliação dos tratamentos medicamentosos. Dessa forma, faz-se necessária a utilização da farmacoeconomia e da farmacoeconomia como instrumentos que auxiliam no controle de gastos irrelevantes e uso irracional de medicamentos. Essas medidas permitem que sejam criados padrões amplos como: políticas governamentais incisivas, educação continuada – as duas com o propósito de instruir o consumo adequado de medicamento (MELO; RIBEIRO; STORPIRTIS, 2006).

O presente estudo tem como objetivo verificar a utilização e a prevalência da automedicação entre os acadêmicos de Enfermagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo exploratório com abordagem quantitativa. Participaram da pesquisa 45 alunos convidados de uma Instituição de Ensino Superior, localizada na cidade de Caxias do Sul-RS, no período de setembro a outubro de 2016. As informações foram coletadas por meio de um questionário com perguntas fechadas.

Para a seleção dos participantes foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Foi solicitada uma lista para a secretaria do curso de Enfermagem com o nome dos alunos que haviam cursado a disciplina de Farmacologia, totalizando 52. Os critérios de inclusão para o estudo foram: ter cursado a disciplina de Farmacologia; aceitar responder ao questionário e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O instrumento de coleta de dados constituiu-se de um questionário com perguntas fechadas que foi adaptado de Galato, Madalena e Pereira (2012), composto por 22 questões, no qual o pesquisado é caracterizado quanto ao seu perfil sociodemográfico e o perfil da automedicação.

A coleta de dados foi organizada nos períodos da manhã, tarde e noite, juntamente com os professores para que, em sala de aula, o pesquisador explicasse a pesquisa e seus objetivos e, na sequência, distribuisse o questionário aos alunos que aceitaram participar do estudo.

A análise dos dados ocorreu por intermédio da tabulação dos dados no editor estatístico *Microsoft Excel 2010* e organizados em tabelas e gráficos gerados posteriormente, usando estatística descritiva simples. A pesquisa ocorreu em conformidade com as Diretrizes e Normas Regulamentadas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, dispostas na Resolução nº 466/2012, mediante o parecer de aprovação CAAE 57694416.2.0000.5523 pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade Nossa Senhora de Fátima.

RESULTADOS

Neste estudo, um total de 45 acadêmicos responderam ao questionário, com média de idade de 29 anos para o sexo feminino e 28 anos para o sexo masculino, e 42% dos participantes estão no sexto semestre do curso. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas da amostra em relação a gênero, estado civil, renda familiar e plano de saúde. A maioria dos entrevistados pertence ao sexo feminino e são solteiros. Em relação à renda familiar, 22 (48,9%) relataram mais que três salários mínimos e 34 (75,6%) possuem plano de saúde.

Quanto à renda familiar, 48,9% possuem receita superior a três salários mínimos. Neste trabalho não foi encontrada relação da automedicação com a renda familiar. Dos 45 entrevistados, 75,6% possuem plano de saúde e 89% fazem pelo menos uma consulta anual ao médico; 11% não fazem consultas de rotina.

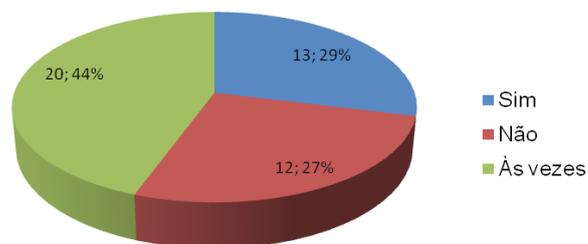
Tabela 1 – Características sociodemográficas da amostra de acadêmicos, Caxias do Sul-RS

VARIÁVEL	Nº	%
Gênero		
Feminino	38	84,4
Masculino	7	15,6
Estado civil		
Solteiro	27	60
Casado	16	35,6
Divorciado	2	4,4
Renda Familiar		
Até um salário mínimo	-	
De um a dois salários mínimos	12	26,7
De dois a três salários mínimos	11	24,4
Mais que três salários mínimos	22	48,9
Plano de Saúde		
Possuem plano de saúde	34	75,6
Não possuem plano de saúde	11	24,4

Fonte: Elaborada pelos autores (2016).

A pesquisa revelou que 100% dos estudantes utilizam ou já utilizaram medicação sem prescrição médica. A Figura 1 ilustra a frequência da automedicação realizada pelos acadêmicos em estudo, nos últimos quinze dias, classificada como sim, não e às vezes. Os acadêmicos que responderam sim praticam a automedicação sempre que necessário, e às vezes, entende-se que realizam esta prática eventualmente.

Figura 1 – Frequência da automedicação pelos acadêmicos de Enfermagem, nos últimos quinze dias, Caxias do Sul, RS



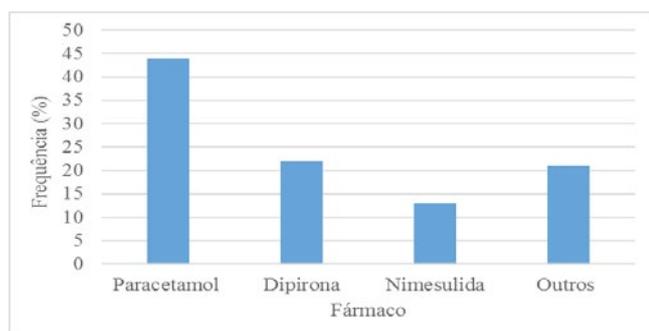
Fonte: Elaborada pelos autores (2016).

No que se refere à fonte geradora da automedicação, 86,7% dos estudantes apontaram como alternativa o conhecimento próprio como resposta e 47%

indicaram farmacêuticos ou funcionários de farmácia como os facilitadores de tal prática. A motivação foi a praticidade e comodidade, para 77,8% dos entrevistados. Quando questionados sobre a leitura da bula, 26,7% sempre fazem a leitura; 26,7% fazem a leitura às vezes, 22,2% quase sempre fazem a leitura; 15,6% nunca fazem a leitura e 8,8% sempre quando ela está disponível.

O sintoma mais comum que levou à automedicação foi a cefaleia, correspondendo a 77,8% dos entrevistados, além de dor muscular e dor de dente. A ordem predominante de medicamentos consumidos foi paracetamol (44%), dipirona (22%), nimesulida (13%) e outros (21%), conforme ilustra a Figura 2. Os analgésicos e anti-inflamatórios são os fármacos mais consumidos por automedicação, razão pela qual foram incluídos na pesquisa.

Figura 2 – Medicamentos mais consumidos pelos acadêmicos por automedicação, Caxias do Sul, RS



Fonte: Elaborada pelos autores (2016).

Os entrevistados que não referiram intercorrência com essa prática alcançaram um total de 84,4%. A reutilização de prescrição ou sobras de medicamentos de tratamentos antigos foram: 55,6% reutilizam e 44,4% não reaproveitam.

DISCUSSÃO

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 1998) define automedicação como a seleção e o uso de medicamentos sem prescrição ou supervisão de um médico ou dentista (ARRAIS *et al.*, 2016). É a iniciativa de um indivíduo adquirir e fazer uso de um medicamento sem atendimento médico adequado, de forma indevida, em dose erroneamente pressuposta como ideal e por período que lhe convém (MASSON *et al.*, 2012).

Dados da literatura mostram que acadêmicos da área da saúde possuem o hábito de se automedicar. Os percentuais para essa prática podem variar entre as diferentes áreas de formação. Observa-se que 88,57% dos acadêmicos do curso de Enfermagem e

94,55% dos alunos de Medicina praticam esse hábito. Entre os motivos que levam estudantes universitários a se automedicarem estão a influência da propaganda; o uso de prescrições antigas; a orientação de funcionários de farmácia, amigos, vizinhos e familiares; o armazenamento de medicamentos em casa; a influência de conhecimento próprio e a cultura do autocuidado com a saúde estabelecida no país. Especificamente, para estudantes do curso de Enfermagem, observa-se que um dos principais motivos para a realização dessa prática é a presença de dor (SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014).

Apesar de a maioria dos entrevistados pertencer ao sexo feminino, no presente estudo a prática da automedicação prevaleceu entre as mulheres (84,4%). Isto pode ser explicado em parte pela maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida, maior procura por cuidados médicos e campanhas educativas mais direcionadas a elas (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). O fato de as mulheres sofrerem mais com dores de cabeça, dores musculares e condições dolorosas crônicas, como a enxaqueca, e utilizarem desde muito cedo analgésicos e relaxantes musculares para o alívio da dor durante a menstruação ou dismenorreia, pode ter influenciado nos resultados do presente trabalho (ARRAIS *et al.*, 2016).

Todos os acadêmicos de Enfermagem entrevistados deste estudo relataram que utilizaram, ao menos uma vez na vida, medicamentos sem prescrição médica. Resultado semelhante foi encontrado por Silva, Goulart e Lazarini (2014), em estudo no qual relataram que 100% dos acadêmicos de Enfermagem do quarto período realizaram tal prática, sugerindo que existe associação significativa entre a prática de se automedicar e o período em que o estudante está matriculado. Dados como estes demonstram que a automedicação em acadêmicos de Enfermagem é elevada e estudos revelam que, por vezes, os estudantes adotam a automedicação para manter a atenção e a concentração e diminuir o estresse durante um período, principalmente aqueles que trabalham e estudam concomitantemente (FONTANA; BRIGO, 2012; SANTOS *et al.*, 2012).

Neste estudo a maioria dos estudantes referiu o conhecimento próprio como fonte motivadora para a automedicação. Este resultado vem ao encontro do esperado, pois o conhecimento dos acadêmicos na sua área de formação poderia influenciar a decisão por tal prática. O conhecimento próprio a respeito do problema de saúde e do medicamento tem influenciado significativamente os universitários da área da saúde. Estes resultados são importantes, pois podem nor-

tear as estratégias para a promoção do uso racional de medicamentos dependendo do público com o qual se pretende atuar (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012). Demonstra-se que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam. Atualmente é possível encontrar, em *sites* disponíveis, as bulas de vários medicamentos. Essa forma de acesso ao conhecimento difunde as informações do fármaco, bem como suas indicações (SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014). A presença do farmacêutico nas drogarias e farmácias é fundamental para que se estabeleça um vínculo com o paciente, promovendo o uso racional de medicamentos. Neste estudo não foi analisado o local de aquisição dos medicamentos utilizados na prática da automedicação, mas é provável que os acadêmicos tenham adquirido os medicamentos nas compras realizadas nas farmácias ou drogarias ou na utilização das sobras de tratamento ou reservas encontradas nas farmácias caseiras (ARRAIS *et al.*, 2016).

A maioria dos entrevistados neste estudo relatou a praticidade e a comodidade como os principais fatores para o uso de medicamentos sem prescrição médica, resultado encontrado também por Galato, Madalena e Pereira (2012). A ideia central “pela falta de tempo” mostra um sujeito coletivo que menciona ser este o principal motivo para a prática de automedicação. Neste sentido, deve-se considerar que o currículo no qual os estudantes estão inseridos é orientado por competências e as atividades são organizadas em tempo integral, propiciando pouca disponibilidade de tempo livre, o que poderia justificar essa prática. Percebe-se que os acadêmicos preferem automedicar-se, em detrimento da procura de um atendimento médico, por afirmar que “perde tempo ao procurar e ao esperar por uma consulta médica (SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014). Souza *et al.* (2011) relatam, no seu estudo, que a falta de tempo para ir ao médico e a facilidade de acesso ao balconista estimulam a automedicação.

Souza *et al.* (2011) mencionam que medicações são substâncias que têm a capacidade de produzir alterações no funcionamento das células de um ser vivo, em particular no alívio da dor de quem a utiliza, e que para a maior parte das pessoas indica êxito curativo, o que transformou as medicações populares a ponto de ser uma resposta em períodos de sofrimento, forneceu vigor e confiança à solidez que propicia aos profissionais e aos pacientes uma maneira de não ter necessidade de depender de outras pessoas (MACHADO, 2008).

A ordem predominante de medicamentos consumidos neste estudo foi paracetamol (44%), dipirona (22%), nimesulida (13%) e outros (21%). Tendo em vista que os dois primeiros são analgésicos e a nimesulida é um anti-inflamatório não esteroide (Aine), a dor tem sido a principal queixa de saúde que incentiva a automedicação. No trabalho realizado por Silva, Goulart e Lazarini (2014) predominou o uso de analgésicos pelos acadêmicos de Enfermagem, e no trabalho de Arrais *et al.* (2016), a dor foi considerada o principal problema de saúde para o uso de medicamentos sem prescrição, corroborando com este estudo. Entre os medicamentos utilizados na forma de automedicação os analgésicos apresentaram as maiores utilizações indiscriminadas por serem usados no alívio da dor, por possuírem fácil aquisição e em grande parte por apresentarem venda livre, não necessitando de receita médica (SILVA; GOULART; LAZARINI, 2014). Pode-se destacar que, entre os medicamentos citados, a nimesulida não é isenta de prescrição, posto que, apesar da automedicação, conforme a legislação atual, é necessária a apresentação da prescrição para a sua compra. O elevado uso de analgésicos na prática da automedicação reflete a alta prevalência de dor na população em geral, motivada por tensão, situação estressante ou demanda física, prejudicando a qualidade de vida das pessoas. O uso abusivo de analgésicos pode levar à cronificação da cefaleia. Os anti-inflamatórios não esteroides também são atrativos por terem ação múltipla: analgésica, antipirética e anti-inflamatória. Outro aspecto que favorece e influencia esse consumo é a propaganda da indústria farmacêutica veiculada na mídia em geral (ARRAIS *et al.*, 2016). O uso rotineiro de analgésicos e vitaminas constitui uma prática que parece dever-se à ideia de que se trata de produtos inofensivos (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

Dos entrevistados, 26,7% sempre fazem a leitura da bula; 26,7% fazem a leitura às vezes, e 22,2% quase sempre fazem a leitura; 15,6% nunca fazem a leitura e 8,8% sempre quando ela está disponível. Os resultados encontrados pelos pesquisadores vão ao encontro dos resultados encontrados em outros trabalhos. Os autores ainda ressaltam que os profissionais da saúde têm dificuldades de compreender informações descritas na bula. A posologia é o principal item lido; em seguida, vem a indicação terapêutica (MUNHOZ; GATTO; FERNANDES, 2010).

Um total de 84,4% dos acadêmicos entrevistados referiu não apresentar intercorrência relacionada à automedicação. Dessa forma, vale ressaltar que, apesar de a maioria dos medicamentos consumidos serem isentos de prescrição, não se pode menospre-

zar as possíveis intoxicações e efeitos adversos que eles podem causar a seus usuários. No caso dos analgésicos e Aines, pode-se citar, entre outros, os distúrbios gastrointestinais, reações alérgicas e efeitos renais (ARRAIS *et al.*, 2016).

O resultado da reutilização de prescrição ou sobras de medicamentos de tratamentos antigos foi: 55,6% reutilizam e 44,4% não reaproveitam. Quando investigado o uso de sobras de medicamentos, ou seja, de medicamentos já armazenados no domicílio, oriundos de tratamentos anteriores, observou-se que esta prática ocorre significativamente naqueles indivíduos que afirmam ser influenciados por familiares ou por antigas prescrições. Estes fatos podem ser, possivelmente, explicados por experiências exitosas com o medicamento indicado, seja pelo familiar ou pelo próprio sujeito da pesquisa (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Da amostra, 89% fazem pelo menos uma consulta anual ao médico e 11% não fazem consultas de rotina – os resultados demonstram que a sobrecarga de trabalho, a complexidade das atividades, a jornada dupla ou tripla de trabalho favorecem a negligência do autocuidado. Do ponto de vista da utilização consciente, o medicamento poderá ser instituído no modo terapêutico, posto que não é capaz de sobrepor ações preventivas, correção de hábitos alimentares, atividades físicas ou a intervenção de outros especialistas (ALVES, 2011; FONTANA; BRIGO, 2012).

O consumo de medicamentos isentos de prescrição está crescendo em razão do *marketing* das poderosas empresas farmacêuticas, que criam esses produtos e encontram um meio satisfatório de apresentá-los ao cliente, otimizando os rendimentos financeiros, em um meio próspero que mobiliza milhões no mundo. A precaução com a promoção da saúde pessoal com prudência nesse cenário fica em segundo plano, com o farmacêutico sendo o profissional habilitado a prescrever os medicamentos isentos de prescrição e capacitado a orientar a população acerca do uso correto e racional (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009; FONTANA; BRIGO, 2012; JÚNIOR *et al.*, 2015; MUNHOZ; GATTO; FERNANDES, 2010; SOUZA *et al.*, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propaganda e o *marketing* produzidos pelo meio farmacêutico induzem à automedicação diretamente através dos meios de comunicação que exibem propagandas maravilhosas que prometem resultados extraordinários. O consumidor busca o restabelecimento da saúde, favorecendo o aumento da automedicação.

Constatou-se neste estudo que os acadêmicos, ao se automedicarem, baseiam-se em conhecimento próprio e nos profissionais que trabalham nas farmácias e nos farmacêuticos, pois o usuário sente confiança na utilização e acredita que não terá nenhum evento adverso na sua administração. Pela sobrecarga de trabalho, estresse e múltiplas tarefas, o consumo por conta própria torna-se uma atividade prática e cômoda e conta com facilidade no momento da compra. Os analgésicos foram os medicamentos mais consumidos pela amostra, evidenciando que a dor é a principal queixa relacionada à prática da automedicação.

Faz-se necessário, portanto, uma reflexão acerca da automedicação e dos fatores a ela relacionados pelos acadêmicos de Enfermagem. Uma vez que os medicamentos são passíveis de provocarem efeitos adversos e tóxicos, é importante a conscientização por parte desta população de que o seu uso deve ser realizado com prescrição médica e orientação farmacêutica, colaborando para o seu emprego racional. Sugere-se a realização de novos estudos na área, principalmente no que diz respeito à criação de estratégias para a promoção do uso correto de medicamentos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. F. Características demográficas e ocupacionais do estudante-trabalhador de enfermagem e o risco de acidentes de trabalho. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 47-59, set./dez. 2011.
- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2.533-2.538, ago. 2010.
- ARRAIS, P. S. D. *et al.* Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 50, supl. 2, 13s, 2016.
- BAGGIO, M. A; FORMAGGIO, F. M. Automedicação: desvelando o descuidado de si dos profissionais de enfermagem. *Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 225-228, 2009.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Resolução 466/2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.
- FONTANA, R. T.; BRIGO, L. Estudar e trabalhar: percepções de técnicos de enfermagem sobre esta escolha. *Escola Anna Nery*, v. 16, n. 1, p. 128-33, 2012.
- GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 12, p. 3.323-3.330, 2012.

GOMES, A. C. M. *Automedicação: um importante problema de saúde pública*. Pindamonhangaba: Faculdade de Pindamonhangaba, 2012.

JÚNIOR, E. H. L. *et al.* Medicamento e lucro: até que ponto essa associação pode ser saudável? *Revista Presença*, v. 1, n. 1, p. 136-157, 2015.

MACHADO, K. F. C. *Prática de automedicação entre estudantes da área de enfermagem de uma instituição de ensino privada*. 2008. 80f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.

MASSON, W. *et al.* Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, Vitória, 14(4): 82-89, out./dez. 2012.

MELO, D. O.; RIBEIRO, E.; STORPIRTIS, S. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. *Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences*, v. 42, n. 4, 2006.

MUNHOZ, R. F.; GATTO, A. M.; FERNANDES, A. R. C. Automedicação em profissionais das áreas de enfermagem e farmácia em ambiente hospitalar na cidade de São José do Rio Preto-SP. *Arquivo de Ciências da Saúde*, v. 17, n. 3, p. 140-145, 2010.

PAIM, R. S. P.; MULLER, A. C. Uso de medicamentos em crianças sem prescrição médica: uma revisão de literatura. *Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde*, v. 1, n. 2, 2015.

PAREDES, N. P.; MIASSO, A. I.; TIRAPELLI, C. R. Consumo de benzodiazepínicos sem prescrição médica entre estudantes do primeiro ano da escola de enfermagem da Universidade de Guayaquil, Equador. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 16, n. spe, p. 634-639, 2008.

SANTOS, B. dos *et al.* Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. *Journal of the Health Sciences Institute*, v. 2, n. 30, p. 156-60, 2012.

SILVA, F. M.; GOULART, F. C.; LAZARINI, C. A. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 644-651, set. 2014.

SOUZA, L. A. F. *et al.* Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 19, n. 2, p. 245-251, 2011.

WHO. World Health Organization. *The role of the pharmacist in self-care and self-medication*. 1998. Disponível em: <http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/whozip32e/whozip32e.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.